



## MARCAS PSÍQUICAS E MAL-ESTAR NO TRABALHO: Possibilidades de enfrentamento e adapt(ação) de um policial civil - um estudo de caso

*Avante*

REVISTA  
ACADÊMICA  
DA POLÍCIA CIVIL  
DE MINAS GERAIS

Luciana Soares Pereira

<https://lattes.cnpq.br/7164045085462776> - <https://orcid.org/0009-0002-3911-6775>

[luciana.pereira@policiacivil.mg.gov.br](mailto:luciana.pereira@policiacivil.mg.gov.br)

Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

### RESUMO

O caso clínico analisa a estrutura psíquica de um policial civil e a interseção dessa estrutura com sua atividade profissional. O objetivo é explorar como a identidade do policial se forma dentro do contexto da Polícia Civil, analisando como a instituição influencia essa construção. O foco é entender as dinâmicas que moldam a experiência do policial e como a cultura institucional impacta seu papel e vivências profissionais. O estudo utiliza a escuta psicanalítica e análise qualitativa dos relatos do sujeito atendido, coletados em sessões clínicas individuais. O objetivo é compreender suas experiências e perspectivas, permitindo identificar temas recorrentes, contradições e padrões de comportamento nas narrativas que revelam aspectos fundamentais da subjetividade do sujeito. Para tanto, foi realizada a revisão de conceitos psicanalíticos, como o inconsciente, sintoma e repetição, para compreender como esses elementos influenciam a experiência profissional do sujeito. A análise revela que o sofrimento do policial resulta de conflitos internos intensificados pelas demandas da profissão. Em vez de seguir o discurso tradicional sobre a adaptação do sujeito ao trabalho e suas exigências, o estudo propõe a possibilidade de transformação dos contextos laborais e deslocamentos institucionais que promovam uma abordagem mais integrada e humanizada, utilizando a potência do trabalho como um instrumento de bem-estar. A proposta não visa a transferência de servidores, mas sim a promoção de uma escuta ativa e acompanhamento nas dificuldades relacionais com o trabalho. A intervenção psicanalítica pode ajudar os policiais a lidar com seu mal-estar, reconectando-os com seus desejos e possibilitando uma narrativa mais saudável em relação ao trabalho. A responsabilidade final por essa construção simbólica recai sobre o próprio sujeito.

**Palavras-chave:** Inconsciente; Sintoma; Repetição; Trabalho; Policial Civil.

**PSYCHIC MARKS AND DISEASE AT WORK:** Possibilities of coping and adapt (action) of a civil police officer - a case study

### ABSTRACT

This clinical case analyzes the psychic structure of a police officer and the intersection of this structure with his professional activity. The objective is to explore how the police officer's identity is formed within the context of the Civil Police, analyzing how the institution influences this construction. The focus is to understand the dynamics that shape the police officer's experience and how the institutional culture impacts his/her role and professional experiences. The study uses psychoanalytic listening and qualitative analysis of the reports of the subject treated, collected in individual clinical sessions. The objective is to understand his/her experiences and perspectives, allowing the identification of recurring themes, contradictions and patterns of behavior in the narratives that reveal fundamental aspects of the subject's subjectivity. To this end, a review of psychoanalytic concepts was carried out, such as the unconscious, symptom and repetition, to understand how these elements influence the subject's professional experience. The analysis reveals that the police officer's suffering results from internal conflicts intensified by the demands of the profession. Instead of following the traditional discourse on the subject's adaptation to work and its demands, the study proposes the possibility of transforming work contexts and institutional shifts that promote a more integrated and humanized approach, using the power of work as an instrument of well-being. The proposal does not aim to transfer employees, but rather to promote active listening and support in relational difficulties with work. Psychoanalytic intervention can help police officers deal with their discomfort, reconnecting them with their desires and enabling a healthier narrative in relation to work. The ultimate responsibility for this symbolic construction falls on the subject himself.

**Keywords:** Unconscious; Symptom; Repetition; Work; Civil Police.

**DOI:** <https://doi.org/10.70365/2764-0779.2024.98>

Recebido em: 02/09/2024.

Aceito em: 09/10/2024.

## 1 INTRODUÇÃO

A questão sobre o que é e como se estrutura a mente sempre se apresentou como um tema fundamental para a humanidade. Abordada tanto sob uma perspectiva mítica quanto biológica e racional, essa questão tem gerado inquietação ao longo do tempo, motivo pelo qual a reflexão sobre a constituição psíquica está presente desde o nascimento da Psicanálise. Embora Freud tenha proposto a psique como algo estruturado, ele não desconsidera, em alguns textos, as implicações das experiências da realidade sobre o aparelho psíquico. Na obra intitulada *Interpretação dos Sonhos* (1900) na introdução e na seção sobre a função dos sonhos, Freud explora como as experiências cotidianas e os eventos da vida influenciam a formação dos sonhos, o que sugere a relação entre a realidade e o aparelho psíquico. Ao mencionar como os sonhos podem revelar desejos e conflitos inconscientes, indica que a realidade influencia as experiências psíquicas. Em *Além do Princípio do Prazer* (1920), Freud, ao abordar a repetição de experiências traumáticas, destaca que as vivências reais podem impactar a psique de forma profunda. Ele menciona como as experiências externas e internas moldam a vida psíquica e influenciam o comportamento. Nesse sentido, podemos considerar a cena da realidade como algo capaz de acionar aspectos constitutivos e primários das pessoas, impactando significativamente o adocimento psíquico. Ao buscar articular os fenômenos individuais com os sociais, enfatizamos aqui a realidade do trabalho, onde passamos a maior parte de nossas vidas e que exerce uma influência considerável na nossa realidade psíquica.

A área de segurança pública possui especificidades distintas em relação ao trabalho, nas quais o risco desempenha um papel estruturante das condições laborais, ambientais e relacionais. O policial civil, como agente de segurança pública, ao atuar em funções inerentes ao cargo, frequentemente se depara com situações de tensão e perigo. Além disso, o uso de arma de fogo, a intervenção frequente em situações críticas, os momentos de sobressalto e pressão, e o elevado risco de vida contribuem para uma vivência marcada por intensa angústia. Ainda nesse contexto, fatores sociais e institucionais, como a falta de recursos materiais e tecnológicos, a carência de efetivo, política inadequada de valorização e remuneração baixa, a sobrecarga de trabalho, a necessidade de cumprir uma carga horária com alternância de turnos (diurnos, vespertinos e noturnos), a grande quantidade de burocracia e a intensa cobrança por desempenho da sociedade colocam

esses profissionais em uma posição vulnerável ao sofrimento psíquico. Segundo Sousa (2022), as características laborais enfrentadas pelos policiais podem ter um impacto significativo em sua saúde mental e física, comprometendo, assim, sua qualidade de vida e suas relações sociais (Borges, 2013; Souza *et al.*, 2012). Além disso, o autor destaca que essas condições adversas podem prejudicar o desempenho dos profissionais em serviço, colocando em risco não apenas suas vidas, mas também a segurança de terceiros (Ferreira, 2009; Minayo, Constantino & Souza, 2008; Sousa *et al.*, 2014).

Como fator agravante, esses profissionais frequentemente não buscam apoio emocional quando necessário devido não apenas à imagem que a sociedade tem deles, mas também a uma cultura construída que exige que o policial civil seja um indivíduo preparado para resolver os problemas dos outros, extremamente forte, viril e insensível à dor ou fraqueza. Essa cultura frequentemente leva à anulação de sua subjetividade contribuindo para o desenvolvimento de sintomas psíquicos e emocionais, muitos dos quais podem estar ligados à repetição de experiências traumáticas no ambiente de trabalho. Assim, as experiências e o ambiente institucional influenciam a construção da identidade policial, moldando não só suas ações, mas também sua percepção de si mesmos e das emoções que são socialmente aceitas ou rejeitadas. Como afirma Bourdieu (1989), “a noção de habitus se refere ao processo social que ocorre de forma interna aos indivíduos” e eles “não apenas ocupam papéis provenientes de um sistema cultural dado externamente, aos quais suas personalidades devem se adaptar”. Nesse sentido, dentro de contextos coletivamente demarcados, como uma escola, uma empresa ou um quartel de polícia, existe um movimento constante de caráter estruturante que emerge das interações rotineiras, construídas em processos de socialização e partilha de experiências. Dessa forma, a identidade policial é continuamente moldada por essas interações e pela cultura institucional, refletindo a internalização de normas e expectativas que podem afetar significativamente seu bem-estar psicológico.

Para os propósitos deste trabalho, destaca-se a importância das organizações e instituições no acolhimento e na escuta do singular do sujeito visando à criação de possibilidades de ação. É neste contexto que se insere o caso a ser discutido.

## 1.1 O PAPEL DO TRABALHO NA ECONOMIA PSÍQUICA: Entre satisfação e sacrifício

No texto "O mal-estar na civilização", Freud (1929, p. 45) apresenta o trabalho como um pilar fundamental da vida social. Além de seu papel na satisfação das necessidades materiais e econômicas, o trabalho contribui para a ordem da economia psíquica, senão da própria organização social. Segundo Freud (1929, p.50), é por meio do trabalho que o indivíduo restringe seus impulsos eróticos e agressivos, elevando seus instintos a atos que são aceitos e valorizados pela sociedade, num processo denominado pela Psicanálise como sublimação. No entanto, esse processo, que possibilita a formação de laços sociais, também envolve a renúncia à liberdade e à satisfação dos desejos, algo que Freud (1929, p. 55) descreve como a própria castração. Desse modo, o atributo trabalho apresenta contradições e limites. Quando pensamos o trabalho como uma escolha livre e com autonomia do sujeito, podemos imaginar a possibilidade de satisfação. No entanto, essa satisfação deve ser entendida como uma forma de compensação ou como uma válvula de escape que permite a liberação de inibições pulsionais. Esse papel do trabalho como compensação ou válvula de escape envolve não apenas questões internas à vida psíquica do trabalhador, mas também aspectos da realidade externa e social.

A atividade profissional constitui fonte de satisfação especial, se for livremente escolhida, isto é, se, por meio da sublimação, tornar possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos persistentes ou constitucionalmente reforçados (Freud, 1930/1988f, p. 99).

Ainda na perspectiva de que o trabalho é central na sociedade e desempenha uma função psicológica exclusiva, onde o sujeito se depara com algo que lhe escapa, Lima (2006, p113), com base nos estudos de Yves Clot, esclarece o papel insubstituível do trabalho no desenvolvimento pessoal. O trabalho contribui para a construção do próprio valor e para a formação do patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Trata-se, igualmente, afirma ele, de um espaço essencial para a construção da identidade e da saúde, pois é onde "(...) se desenrola para o sujeito a experiência dolorosa e decisiva do real, entendido como aquilo que – na organização do trabalho e na tarefa – resiste à sua capacidade, às suas competências, ao seu controle". (Lima, 2006, p. 113)

## 2 METODOLOGIA

O estudo foi realizado através de um acompanhamento clínico de um policial do sexo masculino, entre 30 (trinta) e 40 (quarenta) anos, que apresenta sintomas de ansiedade e angústia relacionados ao trabalho. Os dados foram coletados por meio de sessões de terapia, em que o policial relatou suas experiências, sentimentos e dificuldades em relação ao trabalho e à sua vida pessoal. A análise seguiu a perspectiva psicanalítica, com foco nas manifestações do inconsciente, nos padrões de repetição e na relação entre trabalho e saúde mental.

## 3 RESULTADOS

### 3.1 Apresentação do caso

Chamaremos o sujeito deste estudo simplesmente como "Policial" para preservar sua identidade pessoal. Ele iniciou o acompanhamento relatando uma preocupação extrema com assuntos relacionados ao trabalho, que parecem ocupar seus pensamentos constantemente. Apesar de se dedicar intensamente ao trabalho e de seguir rigorosamente os protocolos exigidos, o Policial parece sempre estar constantemente em um estado de tensão e alerta, temendo que algo errado possa acontecer. As situações cotidianas de trabalho causam-lhe grande ansiedade, e suas *pré(ocupações)* se estendem ao âmbito familiar, manifestando-se como sentimentos de insuficiência, inferioridade e culpa. Os pensamentos com conteúdo de ruína se intensificam a ponto de afetar seu sono e sua capacidade de se divertir com a família. Ele relata estar frequentemente ausente do momento presente, distraído por pensamentos sobre o trabalho e pelo receio de que algo saia do planejado, em uma tentativa de antecipar algo que ainda não aconteceu, o que lhe causa grande sofrimento. Embora tente racionalizar esses pensamentos de maneira positiva e se questione sobre a ausência de eventos que justifiquem suas preocupações, os pensamentos negativos continuam a retornar com força.

O Policial apresenta um desconhecimento sobre si mesmo e falha em sua tentativa consciente e racional de compreender esse aspecto. Ele se vê diante de um enigma e de uma repetição que, apesar de lhe causar sofrimento, se torna cada vez mais constante e intensa. Em certos momentos, parece falar de uma parte de si que o domina, outro que o habita e que o atropela, sentindo não ter controle sobre os seus próprios pensamentos. Isso

leva à reflexão sobre um sujeito guiado não pela consciência, mas pelo inconsciente. Segundo Freud, essa instância psíquica funciona de maneira diferente da instância consciente, mas é igualmente inteligível e responsável por grande parte de nossas escolhas e afetos. Sobre essa divisão do aparelho psíquico e do próprio sujeito, Garcia-Roza (2001, p.171) esclarece: “Freud declara (...) que todos os atos e manifestações que noto em mim mesmo e que não sei ligar ao resto de minha vida mental devem ser julgados como se pertencessem a outrem. Esse sujeito é o sujeito do inconsciente (...)”. (Garcia-Roza, 2001, p.171).

A posição subjetiva do paciente e sua lógica psíquica fundamentam a tipologia clínica de uma neurose obsessiva e a consequente condução do tratamento. Nesse contexto, busca-se trabalhar com o Policial no consentimento da falta, na diluição do seu intenso sentimento de culpa e na possibilidade de desejar. Na teoria psicanalítica de Freud, a neurose obsessiva é compreendida como um distúrbio fundamentalmente ligado ao pensamento. Freud caracteriza a neurose obsessiva como uma condição em que os afetos são dissociados de suas representações originais e associados a ideias substitutivas. Esse processo resulta em uma sobredeterminação do pensar. De acordo com Freud, o funcionamento da neurose obsessiva é guiado por princípios rígidos e repetitivos. Nesse contexto, a culpa desempenha um papel central e estruturante. A neurose obsessiva, portanto, não é apenas uma questão de pensamento desorganizado, mas envolve uma estruturação interna muito específica em que a culpa e a repetição são predominantes.

Assim, o policial parece se engendrar em um circuito repetitivo de ordem pulsional que o paralisa. Esse padrão não só impede a produtividade psíquica como também gera mal-estar e angústia no trabalho. Segundo Freud (apud Paim Filho, 2010, p. 5) essa posição paradoxal e a tendência a repetir eventos desagradáveis estão relacionadas à pulsão de morte, o que reafirma o caráter subversivo do inconsciente.

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma “compulsão à repetição” procedente dos impulsos instintuais [pulsionais] e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos [pulsões] – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer (...). (Freud, Apud Paim Filho, 2010, p. 5).

Na relação analítica, o Policial frequentemente apresenta diversas queixas, relatando que nunca se sente bem, seja fisicamente ou psiquicamente. Ele está em um constante movimento de pedir cuidados e amor, enquanto permanece, ao mesmo tempo, numa posição bastante inativa. Em algumas sessões, fala pouco e tem dificuldade de se expressar, especialmente sobre suas emoções e sentimentos. Quando questionado sobre sua infância, fornece um relato generalizado, com algumas cenas infantis congeladas e desprovidas de afeto. Em relação aos pais, menciona que suas necessidades materiais e afetivas básicas foram atendidas quando criança, mas sem proximidade relacional, resultando em um empobrecimento do contato afetivo. Esse quadro que impede o Policial de construir sua própria narrativa e de vivenciar a pulsão de vida na própria análise, exigindo uma maior atuação do analista. Para Freud, a inibição é uma renúncia do eu a suas funções como forma de defesa da angústia, de forma a evitar o confronto com sua própria falta. "Valendo do exemplo Freudiano a respeito da inibição do aparelho locomotor na histeria, Lacan em seu Seminário X, acrescenta: Na inibição é da detenção do movimento que se trata". (Lima, 1999, p. 2). Dada as considerações teóricas desses autores, o Policial parece *detido* em seu movimento psíquico de advir, de comparecer, preso em um lugar que não seja o da angústia.

O Policial relata uma falta de prazer nas atividades em geral, encontrando mais ânimo apenas nas tarefas relacionadas ao trabalho. Manifestações físicas intensificam-se, resultando em desorganização corporal. Alguns sintomas surgem especificamente no local de trabalho, especialmente ao final do dia, quando ele toma conhecimento das novas tarefas que terá que executar. Em uma ocasião, ele teve uma crise no ambiente de trabalho, a ponto de precisar se retirar para se sentir melhor. Após realizar algumas ações externas específicas de seu trabalho, percebe que sua impulsividade em executar e concluir as atividades frequentemente dá lugar a comportamentos descuidados, colocando-se em risco. A Pandemia agravou sua angústia, criando um paradoxo: antes, ele sofria devido ao excesso de trabalho e ao receio de não conseguir dar conta; agora, sofre pela falta de tarefas, temendo ficar sem nada para fazer. O corpo do Policial manifesta-se principalmente no local do trabalho, seja através de mal-estar ou do risco à própria vida. Refiro-me aqui não apenas aos sintomas na perspectiva somática, mas também ao papel do corpo como intermediador da relação do Policial com seus desejos, mediada pela linguagem: há uma satisfação

envolvida. Freud (apud Coppus & Bastos, 2012, p. 4) aponta que os sintomas neuróticos constituem formações de compromisso para satisfazer desejos sexuais não realizados, ou seja, possuem um sentido. Assim:

Diferentemente do sujeito histórico que entrega, de maneira ruidosa, seu corpo ao Outro, fazendo deste um monumento vivo do inconsciente, suas questões e impasses, o sujeito obsessivo esforça-se para manter seu corpo inibido, silenciado e mortificado em relação a tudo que faça referência ao sexual. O primeiro endereça ao Outro uma demanda de amor, de reconhecimento e de existência através de seu corpo, o segundo faz de seu corpo uma armadura limpa e inviolável que o trai quando ele menos espera. (Coppus; Bastos, 2012, p. 4).

O Policial é transferido para um novo local de trabalho, mas algumas vivências internas permanecem, como o receio de não corresponder às expectativas e o imaginário de ter que responder e controlar toda demanda que surge. No entanto, há um alívio dos sintomas físicos, pois o Policial, a partir de então, *se ocupa em agir* para gerenciar a nova dinâmica, procurando manter suas tarefas diárias em dia. Isso parece oferecer maior compatibilidade com suas demandas internas e proporcionar mais tranquilidade para lidar com as exigências de produção. Qual seria a ação terapêutica possível? É necessário permitir que o Policial, através da linguagem, **se ocupe** do seu mal-estar e da relação com seus desejos. Por meio da fala, deve-se dar contorno às *pré (ocupações)*. Assim, é possível frear a feroz insistência repetitiva que lhe causa tanto sofrimento, ou seja, dar um lugar a esse não sentido que não se pode dominar. Essa é a proposta da Psicanálise. Nessa perspectiva, o mal-estar acionado pelo e no trabalho pode levar o sujeito a inventar outras saídas, que não apenas a repetição, a inibição, a angústia ou a morte.

#### 4 DISCUSSÃO

A análise psicanalítica revela que o sofrimento do policial é uma manifestação de conflitos internos e pulsionais, exacerbados pelas demandas da profissão. A falta de prazer em atividades cotidianas e a dificuldade em se conectar emocionalmente são aspectos que refletem uma estrutura interna rígida e repetitiva. O caso é singular e não necessariamente representativo de todos os profissionais da área, mas destaca a importância de abordar questões subjetivas no contexto do trabalho policial.

Para o caso clínico descrito, destaca-se a necessidade de um acompanhamento multidisciplinar, sendo de suma importância a interlocução

entre a gestão da unidade de trabalho do Policial, a Psicologia e Psiquiatria no acompanhamento desse servidor. A integração desses três campos de atuação dentro da Instituição proporcionou um diagnóstico mais preciso das singularidades desse sujeito e possibilitou a adapt(ação) do trabalho às suas necessidades, rompendo com a tradicional adaptação do homem ao trabalho.

É válido ressaltar a sensibilidade e o comprometimento do gestor com as questões subjetivas vividas pelo servidor em questão, garantindo que suas demandas fossem atendidas de forma a também beneficiar a Instituição. Portanto, considerar a oposição entre Policial Civil versus Polícia Civil seria um retrocesso, uma vez que ambos fazem parte de um mesmo objetivo: prestar serviços de qualidade à sociedade.

No atual contexto social, muitas vezes não é possível ao indivíduo fazer uma livre escolha devido às condições financeiras, o que limita suas opções profissionais. Essa limitação pode prejudicar a capacidade do sujeito de manter sua saúde física e psíquica no trabalho. O trabalho dos policiais é particularmente específico: além de lidar com fatores estressantes como violência, tensão e perigo, esses profissionais enfrentam um imaginário que não admite fragilidade, sugerindo uma imagem de completude. Isso desafia o estatuto do sujeito que deseja, que pode adoecer e falhar. Adicionalmente, questões organizacionais e estruturais colocam em risco o bem-estar desses profissionais.

## 5 CONCLUSÃO

É importante destacar que, nesse cenário, as instituições, especialmente as de segurança pública, estão cada vez mais sendo cobradas quanto ao desempenho e à eficiência, tanto pelo Estado quanto pela sociedade. Portanto, a solução não é simplesmente transferir o servidor do seu local de trabalho, mas sim promover uma escuta ativa por parte da Instituição e, na medida do possível, acompanhar e mediar o sujeito em seu impasse na relação com o trabalho. A intervenção psicanalítica pode ajudar o policial a lidar com seu mal-estar, permitindo que ele se reconecte com seus desejos e construa uma narrativa mais saudável em relação ao trabalho. Essa construção simbólica e o deslocamento necessário serão, em última instância, responsabilidades do próprio sujeito.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

COPPUS, Alinne Nogueira; BASTOS, Angélica. O corpo na neurose obsessiva. **Psicologia Clínica**, 24 (2). 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652012000200009>. Acesso em: 31 maio 2024.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**, parte 1. In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1972. v. 4.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução de L. A. Hanns. Vol. 2, pp. 123-198. Imago, 2006. (Trabalho original publicado em 1920).

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930 [1929]).

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. O sujeito e o eu. In: GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 196-229.

LIMA, Maria Elizabeth Antunes. Resenha do livro a função psicológica do trabalho de Yves Clot, **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 9 (2). 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172006000200010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172006000200010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 16 maio 2024.

LIMA, Míriam Nogueira. Inibicão: algumas notas, 1999. **Simpósio da Intersecção Psicanalítica do Brasil**, São Paulo, 16 de maio de 2024. Disponível em: [http://interseccaopsicanalitica.com.br/int-participantes/miriam\\_nogueira/Inibicao-Algumas\\_notas.pdf](http://interseccaopsicanalitica.com.br/int-participantes/miriam_nogueira/Inibicao-Algumas_notas.pdf). Acesso em: 16 maio 2024.

PAIM FILHO, Ignácio Alves. Compulsão à repetição: pulsão de morte "trans-investida" de libido, **Revista Brasileira de Psicanálise**, 44 (3). 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2010000300012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000300012). Acesso em: 04 jan. 2024.

SOUSA, R. C.; BARROSO, S. M.; RIBEIRO, A. C. S. Aspectos de saúde mental investigados em policiais: uma revisão integrativa. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 2, 2022.